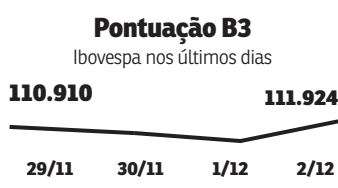
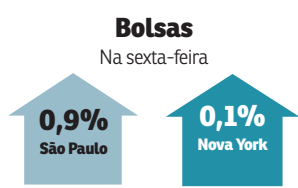




7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 5 de dezembro de 2022



Na sexta-feira
R\$ 5,215
(+ 0,34%)

Dólar

	Últimos
25/novembro	5,410
29/novembro	5,361
30/novembro	5,202
1/dezembro	5,197

Salário mínimo
R\$ 1.212

Euro
Comercial, venda na sexta-feira
R\$ 5,493

CDI
Ao ano
13,65%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
13,66%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Junho/2022	0,67
Julho/2022	-0,68
Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59

SUSTENTABILIDADE

Baixo carbono, o futuro da agricultura

Para superar desafios, pauta, que faz parte da agenda de transição, depende de esforços do Estado, empresas e produtores

» RAFAELA GONÇALVES

Um dos principais desafios da economia global envolve a necessidade de mitigação das mudanças climáticas em equilíbrio com a manutenção dos processos produtivos. A agropecuária brasileira é a atividade responsável por 30% das emissões de gases de efeito estufa no país, segundo o Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa (SEEG). Como grande produtor e exportador de alimentos e por suas dimensões continentais, estima-se que a atividade seja responsável por 7% das emissões mundiais.

Técnicas sustentáveis de manejo do solo e da pecuária já são uma realidade, mas ainda existem barreiras para popularizá-las no Brasil, é o que afirmou o ex-deputado e empresário do ramo de alimentos orgânicos Joe Valle, que integra a equipe de transição do futuro governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Segundo ele, a agricultura de baixo carbono passou a ser um tema central na agenda do próximo governo, já que o agronegócio brasileiro é responsável por 27% do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

“É preciso entender que sustentabilidade transcende questões ideológicas para o business. No mercado moderno, os clientes buscam por produtos que tenham práticas sustentáveis embarcadas. E um desafio é que os governos entendam isso e coloquem o tema em sua questão central, para que políticas sejam construídas”, diz Valle, que destacou que a transição sustentável já é uma realidade. “Precisamos construir um consenso de unidade. O objetivo é conjunto, produzir e preservar”, acrescentou.

Vários acordos foram firmados em relação a investimentos em países que diminuem as emissões de carbono ao longo das Conferências das Nações Unidas sobre o Clima (COPs). Além disso, muitos países têm barrado o comércio com quem não respeita as regras propostas. Em sua participação na COP27, no último mês, o presidente eleito sinalizou que o Brasil pretende voltar a ter protagonismo na preservação do meio ambiente.

Agricultura de baixo carbono

Emissão na atmosfera é um desafio para agropecuária brasileira

- 1** Segundo dados do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa (SEEG), a agropecuária brasileira é a atividade responsável por 30% das emissões de gases de efeito estufa no País.
- 2** Pela potência do Brasil como produtor e exportador de alimentos e pelas dimensões continentais, estima-se que a atividade seja responsável por 7% das emissões mundiais.
- 3** Ao longo das Conferências das Nações Unidas sobre o Clima (COPs), vários acordos foram firmados em relação aos investimentos em países que diminuem as emissões de carbono.
- 4** Várias nações têm barrado o comércio com quem não respeita as regras propostas.
- 5** Para continuar sendo uma referência mundial em agronegócio, o Brasil precisa se adequar à agricultura de baixo carbono.

Práticas regenerativas para diminuir a emissão de CO2

- Sistema de plantio direto** — utiliza material orgânico e palha de safras anteriores como adubo e alimento para o solo;
- Rotação de culturas** — mudança das culturas a cada safra para evitar o esgotamento do solo;
- Integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF)** — junta, em um mesmo espaço, a lavoura, a criação de gado e a preservação das florestas, assim os gases da lavoura e dos animais são absorvidos pelas plantas;
- Sistemas agroflorestais (SAFs)** — otimizam o uso da terra, preservando as florestas e plantando alimentos;
- Recuperação de pastagens degradadas** — recuperar pastos esgotados, dando novos nutrientes ao solo e devolvendo a capacidade da agricultura;
- Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN)** — introduz bactérias que fixam o nitrogênio do solo nas sementes, e isso diminui a necessidade do uso de fertilizantes, consequentemente, reduzindo a emissão de gases;
- Florestas plantadas** — utiliza áreas degradadas para realizar o plantio de florestas, sejam árvores nativas, sejam exóticas (como pinus e eucalipto), que ajudam no sequestro de carbono.

Fonte: SEEG/ Embrapa

É preciso entender que sustentabilidade transcende questões ideológicas para o business"

Joe Valle, ex-deputado e membro de equipe da Transição

Para Alexandre Brendt, chefe geral da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Sudeste — primeira unidade a iniciar estudo sobre os gases de efeito estufa no país —, para continuar sendo uma referência mundial em agronegócio, é preciso se adequar à agricultura de baixo carbono. “Vemos o impacto das mudanças climáticas em todo o planeta, mas precisamos pensar no que está ao nosso redor, as ações para combatê-la tem que ser feitas localmente. Desde uma fazenda de produção de leite a uma indústria, o esforço deve ser de todos”, afirma.

Responsável por cerca de 10% da produção mundial de trigo, soja, milho, cevada, arroz e carne bovina, Brendt avaliou a importância do papel do país na produção de alimentos para a cadeia mundial. “Na produção de alimentos, especialmente, temos uma demanda muito aquecida, além do crescimento populacional. O Brasil é uma grande potência no combate à insegurança alimentar. Só que essa produção não pode mais ser feita como antigamente, hoje existe tecnologia para produzir melhor e de maneira mais sustentável.”

Eficiência é a palavra que a gente precisa buscar nos processos de produção, de acordo com o chefe-geral da Embrapa. “Qualquer desperdício é desperdício, seja de energia, de insumo, de alimento ou de adubo. Adotando tecnologias para o ganho de eficiência, o produtor economiza no custo de produção e acaba ganhando mais. Ao mesmo tempo, isso significa produzir com menor impacto ambiental e de maneira mais sustentável”, avalia.

Ganho de produtividade e redução de despesas

O conceito de agricultura regenerativa, embora ainda em desenvolvimento, está associado à economia circular, visando otimização do sistema produtivo, garantindo uso e recuperação inteligente dos recursos naturais e minimizando o uso de recursos não renováveis. Além de se mostrar capaz de reduzir o custo de produção, práticas sustentáveis também geraram aumento na produtividade.

Ao adotar um conjunto de práticas regenerativas, com um sistema que privilegia o bem-estar animal, economia de água e redução da produção de gases por meio de cuidados com o solo, a Fazenda Retiro, em

Gameleira de Goiás, passou a produzir 34 litros de leite por dia, número quatro vezes superior à média nacional estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A propriedade é uma das 1.066 certificadas pelo programa Nature por Ninho no país, que apoia e incentiva a adoção de práticas regenerativas na produção de leite.

A iniciativa da Nestlé tem como base três pilares: o cuidado com o solo, por meio do cultivo mínimo, cobertura do solo e rotação de culturas, com o objetivo de manter o solo vivo e a fixação de CO2; cuidado com as vacas, a partir da adoção de práticas que

garantem o bem-estar animal e, ao mesmo tempo, a maior produção de leite contribuindo para a emissão de gases; e o cuidado com a água, com a instalação de hidrômetros e redução do uso dos recursos hídricos.

Os investimentos em tecnologia, melhoramento genético e infraestrutura geraram uma evolução de 65% na produção nos últimos cinco anos. “O investimento foi alto, mas pude observar um ganho considerável de produtividade ao estabelecer melhor os processos e seguindo um padrão. Foi bom, tanto financeiramente quanto para o meio ambiente. Para a produção, tudo é ganho”, conta o produtor rural Gustavo

Henrique Lobo Dutra, que administra a fazenda ao lado do pai, Waldiney Pereira Dutra.

A virada de chave foi em 2019, quando a família optou por construir o Compost Barn para as vacas — área revestida com serragem, sobras de corte de madeira e esterco compostado, destinada para o descanso dos animais. O principal objetivo da estrutura é garantir conforto e um local seco para ficarem durante o ano e a compostagem do material da cama. Hoje, tendo alcançado os três pilares do programa, a próxima meta da família Dutra é a implantação de energia solar. “É um investimento bem alto, de cerca

de R\$ 300 mil, mas a economia que vai nos gerar também será imensa”, acrescenta Gustavo.

Desde o ano de 2020, apenas o programa Boas Práticas Hídricas, desenvolvido em parceria entre a Nestlé e a Embrapa, levou à economia de cerca de 75 milhões de litros de água na produção de leite por meio da gestão do uso da água. Esse foi o volume que os produtores certificados pelo programa de agricultura regenerativa deixaram de consumir. A estimativa foi calculada por meio de indicadores de eficiência hídrica medidos em uma amostra das unidades fornecedoras.

A ação incentiva e remunera

produtores e parceiros a adotarem práticas sustentáveis e regenerativas, contribuindo para a jornada de neutralização das emissões de carbono. Segundo Bárbara Sollero, zootecnista e gerente de Milk Sourcing da Nestlé, as medidas estão alinhadas à meta de descarbonização da marca, com o objetivo de reduzir suas emissões pela metade até 2030 e atingir emissões líquidas zero em 2050. “O que a gente está propondo dentro dessa jornada é que os produtores reinventem a forma como eles vêm produzindo alimentos desde então. O regenerar significa devolver para o solo mais até do que tiramos até então”, afirma. (RG)